

ANÁLISE DAS ABORDAGENS PSICOTERAPÊUTICAS ASSISTIDAS PELO USO DE PSICODÉLICOS

Beatriz Fraifer Dantas Palhano

RESUMO

O uso de agentes psicodélicos para fins curativos existe há milênios na história da humanidade, mas estas substâncias foram proibidas durante anos por causa de uma política de alcance global de “Guerra às drogas”. No âmbito da psiquiatria e psicologia ocidental o retorno das pesquisas com essas substâncias no Brasil se deu em meados dos anos 1990 e vem evoluindo progressivamente. A “Psicoterapia Psicodélica” refere-se à prática de psicoterapia auxiliadas pelo uso dos chamados ‘psicodélicos clássicos’, que são aqueles que capazes de se ligar e ativar os receptores serotoninérgicos conhecidos pela sigla 5-HT_{2a}. O presente estudo visa preencher as lacunas existentes acerca da aplicação dos psicodélicos no contexto do tratamento psicoterapêutico. Para tanto, foi feita uma revisão narrativa que engloba os resultados das produções científicas mais significativas com enfoque no desenvolvimento de alguma abordagem psicoterapêutica assistida por psicodélicos e englobando o desenvolvimento de parâmetros metodológicos para essa abordagem. Neste sentido, foi apurado que os resultados benéficos do uso associado dessas substâncias são robustos, e que sua aplicação depende do cuidado a uma série de fatores como o *sett* e o *setting*, além da seleção dos grupos de paciente que podem apresentar condições de risco para o uso dos psicodélicos. Isto nos leva a concluir que os benefícios demonstrados pelos estudos feitos até aqui corroboram a importância de se dar continuidade às pesquisas neste campo.

Palavras-chave: Psicodélicos. Psicoterapia. Psicologia.

ANALYSIS OF PSYCHOTHERAPY APPROACHES ASSISTED BY THE USE OF PSYCHODÉLICS

ABSTRACT

The use of psychedelic agents for healing purposes has existed for millennia in human history, but these substances have been banned for years because of a global “War on Drugs” policy. In the field of Western psychiatry and psychology, the return of research with these substances in Brazil took place in the mid-1990s and has been progressively evolving. “Psychedelic Psychotherapy” refers to the practice of psychotherapy aided by the use of so-called ‘classical psychedelics’, which are those capable of binding and activating serotonergic receptors known by the acronym 5-HT_{2a}. The present study aims to fill the existing gaps concerning the application of psychedelics in the context of psychotherapeutic treatment. Therefore, a narrative review was carried out that includes the results of the most significant scientific productions, focusing on the development of some psychotherapeutic approach assisted by psychedelics and encompassing the development of methodological parameters for this approach. In this sense, it was found that the beneficial results of the associated use of these substances are robust, and that their application depends on the care of a series of factors such as the sett and the setting, in addition to the selection of patient groups that may present risk conditions for the use of psychedelics. This leads us to conclude that the benefits demonstrated by the studies carried out so far corroborate the importance of continuing research in this field.

Keywords: Psychedelics. Psychotherapy. Psychology.

1. INTRODUÇÃO

O uso de agentes psicodélicos para fins curativos e/ou espirituais, existe na história da humanidade há milênios, mas no âmbito da psiquiatria e psicologia ocidental se iniciou na década de 1950, após a descoberta em 1943 pelo químico suíço Albert Hofmann, do LSD. A farmacêutica Sandoz Laboratories, onde Hoffman trabalhava, logo impulsionou a elaboração de pesquisas extensivas com enfoque na proposição do uso do LSD em contextos como tratamento quimioterapêutico e psicoterapêutico. A partir daí, foram iniciadas diversas pesquisas a nível mundial, com o intuito de desvendar substâncias semelhantes e classificadas como psicodélicas, mas essa “onda” só durou cerca de 15 anos, quando um movimento político de repercussão global e liderado pelos Estados Unidos conhecido como “Guerras às drogas”, pôs fim aos estudos com essas substâncias.

Essa iniciativa inclui um conjunto de políticas de proibição e intervenção militar, que são destinadas a desencorajar a produção, distribuição e o consumo do que os governos participantes e as Nações Unidas definiram como drogas psicoativas ilegais.

O retorno das pesquisas com essas substâncias no Brasil se deu em meados dos anos 1990 após a elaboração de um relatório do Conselho Federal de Entorpecentes (CONFEN) que reuniu especialistas de diversas áreas da saúde com a missão de investigar os aspectos científicos, antropológicos, sociais, médicos e de saúde em geral do uso da dimetiltriptamina (DMT), composto ativo da Ayahuasca. Considerando os benefícios sociais e individuais constatados pelos profissionais, foi estabelecida a proteção legal ao uso ritualístico da Ayahuasca, o que propiciou a retomada dos estudos com essas substâncias e emergência de vários grupos de pesquisa no Brasil e no mundo (FANHO-FMANN, 2019).

A investigação sobre o uso terapêutico dos psicodélicos é importante para que, em um futuro próximo, sejam consolidadas e validadas diretrizes para uma “terapia psicodélica”, o que já é um cenário plausível nos Estados Unidos, onde os estudos com utilização de MDMA para tratamento do transtorno de estresse pós traumático já estão na Fase III, tornando muito próxima a aprovação e autorização para uso desse medicamento pela agência reguladora Food and Drug Administration (FDA) (OLIVEIRA, & CASTRO, 2018).

O termo “Psicoterapia Psicodélica” refere-se à prática de psicoterapia envolvendo o uso de substâncias psicoativas específicas conhecidas como “psicodélicas”, “alucinógenos” ou “enteógenos” (Gardner *et al*, 2019). O uso do termo “psicodélico” enfatiza o papel que essas substâncias têm de proporcionar um contato intenso e a exploração subjetiva da psique, o que é fundamental para a maioria dos métodos de psicoterapia. Essas substâncias devem ser consideradas como auxiliares da psicoterapia no sentido de aumentar o insight e favorecer a conexão consigo mesmo num processo de contínuo de autoconhecimento (WATTS & LUOMA, 2020).

De antemão, é importante esclarecer que, embora diversas substâncias sejam capazes de promover alterações de percepção e consciência, os chamados ‘psicodélicos clássicos’ são aqueles que capazes de se ligar e ativar os receptores serotoninérgicos conhecidos pela sigla 5-HT_{2a} (RODRIGUES, 2016).

Nas últimas décadas, as pesquisas vêm estabelecendo substâncias como dietilamida do ácido lisérgico (LSD), psilocibina (o princípio ativo dos chamados cogumelos

alucinógenos), DMT (presente na Ayahuasca), mescalina e MDMA como psicodélicos clássicos ou serotoninérgicos.

Segundo Gardner e associados (2019), psicodélicos como o LSD e a psilocibina, podem ser terapias adjuvantes muito eficazes, com benefícios já demonstrados, para o tratamento de transtornos como depressão maior, ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático, transtorno obsessivo-compulsivo e transtornos envolvendo o uso de álcool e outras drogas. Sendo estas, condições que trazem grande fardo à vida do indivíduo, da família e ao sistema de saúde, os psicodélicos proporcionam a oportunidade de experimentação de mudanças psicológicas profundas, não alcançadas apenas através da terapia da fala, pavimentando um caminho para a incorporação de uma consciência que possibilita alívio e aprendizagem aos pacientes (GROF, 1997).

A pesar da polêmica discussão acerca da regulamentação dessas substâncias, os resultados robustos demonstrados pelos estudos feitos até aqui corroboram a importância de se dar continuidade às pesquisas nessa área, em especial com uso de técnicas modernas de neuroimagem, que possibilitaram importantes descobertas e proposição de novas hipóteses no que concerne aos mecanismos de ação dessas substâncias. Por essa razão, é essencial a observação de propostas teóricas envolvendo o referencial no qual a terapia em questão deve ser realizada. A fim de nortear essa discussão, o presente estudo se propõe a uma revisão narrativa dos estudos já publicados com o propósito de contextualizar as substâncias psicodélicas e analisar o cenário da prática clínica psiquiátrica e psicoterapêuticas atuais, justificado pela importância de se investigar uma terapia promissora frente a um cenário clínico que carece tanto de tratamentos mais definitivos e benéficos aos pacientes.

2. DESENVOLVIMENTO

Foram selecionados 7 estudos publicados entre os anos de 2000 e 2021, em inglês português e espanhol, sendo priorizados os que põe em destaque os principais benefícios da terapia psicodélica no manejo de pacientes que possuem algum distúrbio psiquiátrico tais como depressão, transtornos do humor, de ansiedade, estresse pós-traumático e na melhora da dependência química de algumas substâncias, como álcool, tabaco, cocaína e opióides. Todos os estudos selecionados (N=7), apontavam para a rela-

ção da terapia assistida por psicodélicos e a melhora de sintomas em pacientes com algum dos transtornos supracitados.

2.1 Aspectos referentes às substâncias

Toda a história recente acerca dessas substâncias acontece a partir da difusão da Dietilamida do Ácido Lisérgico (LSD), que possibilitou a descoberta do potencial das mesmas em transformar o sujeito em seu âmbito psíquico/emocional (Garcia-Romeu & Richards, 2018). Com isto, vários estudos foram desenvolvidos acerca do seu potencial terapêutico, e exploraram as possibilidades de uso para fins de tratamento de condições como estresse pós traumático e depressão para incursão em sessões de psicanálise (Sessa, 2018). Entretanto esses trabalhos tiveram que ser interrompidos por uma Lei dos anos 1970, que incluiu essas substâncias em uma lista de drogas proibidas, provocando o encerramento desse campo de pesquisa.

A maior parte dos estudos traduz ao termo “psicodélico” como uma ideia de manifestação da mente, ou revelação do espírito, o que torna visível a alma, o self ou o psiquismo, no campo clínico este efeito pode se referir à experiências de transformação por redução de controle egóico e expansão da consciência (GRINSPOON & BAKALAR, 1997).

Na tentativa de fornecer uma breve visão geral das maneiras pelas quais o receptor de serotonina 2A (5-HT_{2A}) alucinógenos agonistas (ou seja, psicodélicos) foram usados para fins clínicos ou de pesquisa como parte de intervenções terapêuticas, Garcia-Romeu e Richards (2018) constataram que a terapia psicodélica por mais antiga que seja, viu um renascimento encorajador com ensaios clínicos promissores no início do século 21 e pode ser vistas como uma esperança para alguns dos problemas mais difíceis da psiquiatria. Para eles, isso acontece apoiado pela quebra de tabus e estigmas da sociedade nos últimos 20 anos e, também, pela relativa letargia e baixa resolução de doenças da psiquiatria desde os anos 70 se comparado ao restante da medicina. O estudo também contribuiu com percepções seminais sobre como essas substâncias podem ser empregadas com eficácia e segurança em interações terapêuticas direcionadas, incluindo a importância de otimizar o conjunto (estado de espírito) e o ambiente. Entre as propriedades farmacológicas psicodélicas, destacaram-se sua capacidade de evocar experiências altamente significativas que se prestam a intervenções estruturadas destinadas a alterar ou modular o pensamento, humor ou padrões de comportamento de um indiví-

duo por meio de terapia hábil (Moreton, Szalla, Menzies, & Arena 2020). A segurança e potencial terapêutico dos psicodélicos (LSD, psilocibina, mescalina e DMT) como um adjuvante podendo promover transformações substanciais para o tratamento de dependência química como o alcoolismo, cessação do tabagismo, cocaína, e transtornos como ansiedade, idealização suicida, dependência em opioides, alterações do humor e até mesmo dor. Além de aliviar os sintomas clínicos dessas condições, a terapia psicodélica pode também estimular a criatividade, a espiritualidade e otimizar as funções fisiológicas dos indivíduos (MORETON, SZALLA, MENZIES, & ARENA 2020).

Sessa (2017) investigou a terapia com MDMA para os transtornos de abuso de álcool e propõem que um estudo em andamento com pacientes que passaram por desintoxicação médica para o transtorno de abuso de álcool pode ter benefícios fazendo uso da terapia com MDMA. Para justificar esse ponto de vista, o autor argumenta que o MDMA é mais seguro que o restante dos psicodélicos e que seu uso já demonstrou em outras ocasiões efeitos animadores para o transtorno por abuso de álcool e traumas não solucionados. Para finalizar, argumenta também que a sociedade e a psiquiatria estão sobrecarregadas por resultados no tratamento do transtorno de abuso de álcool que “são um pouco melhores agora do que eram a 100 anos atrás”. O uso da terapia psicodélica pode amenizar sintomas do transtorno do estresse pós-traumático (TEPT) e também o de dependência de substâncias como álcool, tabaco, cocaína e opioides ou outras drogas que possam ocasionar dependência química. É indicada a associação com a terapia de aprimoramento motivacional o intuito de potencializar os efeitos. Não obstante, o MDMA tem o potencial de melhorar e intensificar os processos psicoterapêuticos no tratamento do transtorno do uso de álcool e de outras condições que são frequentemente comórbidas com transtornos por uso de substâncias, particularmente aqueles sintomas associados a uma história de trauma psicológico.

Hartogsohn (2018) em sua pesquisa, investigou as aparentes propriedades de aumento de significado dos psicodélicos e encontrou, em estudos feitos com questionários, um aumento de significado para a vida e questões existenciais em pacientes que fizeram uso de psilocibina. Para ele, isso acontece em função de uma demanda humana espontânea em atribuir significado e que os psicodélicos, por meio de um poderoso acesso ao que antes era subconsciente, permite a criação de novos conceitos e definições e pode auxiliar na terapia, espiritualidade e criatividade.

Nesse interim, Moreton, Szalla, Menzies & Arena (2019) alargam o entendimento a cerca das aplicações quando sugerem que a terapia psicodélica pode reduzir transtornos de ansiedade associados ou não com ideação suicida, agindo ainda na dissolução do ego, admiração e conexão dos pacientes com outras pessoas, além de também promover melhoria em outros transtornos psicológicos, bem como no tratamento de dependência em algumas substâncias químicas, argumentando, ainda, que ansiedade da morte tem um papel central na psicopatologia e que os psicodélicos em uma correlação de fatores como: confronto de medos inconscientes de morte; redução do foco no eu; mudanças de percepção de consciência humana; aumento da fé e ampliações de significado da vida, promovem redução da ansiedade da morte. Para eles, os psicoterapeutas devem voltar seus olhos para o consciente/inconsciente como solução para a estagnação notada na psicoterapia e a ciência psicodélica estaria para isso como uma 'superestrada'. Esta pesquisa mostra que a psicopatologia pode surgir de tentativas falhas de lidar com a morte subjacente, ademais, a terapia psicodélica pode ajudar a esclarecer os mecanismos psicológicos que sustentam os efeitos terapêuticos dos psicodélicos e o papel desempenhado pela ansiedade da morte na etiologia da doença mental (WATTS & LUOMA, 2020).

Johnson (2018) afirma que campo psiquiátrico se encontra relativamente estagnado, não tendo acompanhado a evolução do restante da medicina e a terapia psicodélica tem demonstrado resultados promissores que podem representar novas perspectivas na psiquiatria. Ele alerta para as taxas epidêmicas de suicídio e as milhões de mortes causadas anualmente pelo vício em tabaco. Aliás, lembra que o último grande avanço no tratamento de depressão foi há mais de 30 anos com a aprovação do primeiro ISRS (inibidor seletivo da recaptação de serotonina) e que, mesmo estes, eram evoluções simples, mais seguras e seletivas de antidepressivos já desenvolvidos na década de 1950.

2.2 Aspectos referentes à terapia assistida por psicodélicos

No que tange às experiências científicas realizadas nesta área e com enfoque específico no método psicoterapêutico, alguns pontos são de consenso geral, como a realização do processo terapêutico em três estágios: preparação, sessão psicodélica e integração. Na fase da preparação encontra-se a chave para a maximização do potencial benéfico dos psicodélicos, enquanto a experiência com eles em si e a fase de integração são necessárias para a prolongação dos resultados e melhorias alcançadas. Tendo isso em

mente, o modelo psicoterapêutico ideal deve basear-se na aceitação, conexão e incorporação, reorganizando-se em duas tríades importantes, uma de aceitação (difusão cognitiva, foco no momento presente e vontade) e outra de conexão (o eu como contexto, valores comprometidos e ação) (Ona, *et al*, 2015).

A confluência desses seis processos resulta na capacidade de entrar em contato com o momento presente mais plenamente como um ser humano consciente e, com base no que a situação permite, a capacidade para mudar ou persistir no comportamento a fim de servir a fins valiosos (Ona, *et al*, 2015). Esse método incorpora ainda suporte de psicoterapia que normalmente consiste em um período de preparação, seguido por uma dose moderada a alta de psicodélicos na presença de um ou mais terapeutas, seguido por uma ou mais sessões de integração (TARTAKOWSKY, 2014).

A intenção não deve ser outro senão a realização de um processo psicoterapêutico facilitado, neste caso, por um adjuvante psicodélico. A implementação de métodos de triagem também será essencial. Já existe o conhecimento necessário para detectar as pessoas mais suscetíveis a sofrer uma reação adversa após a administração de psicodélicos, alguns critérios básicos para exclusão de pacientes seriam: a constatação de alguma doença cardíaca e histórico de transtornos psicóticos ou esquizofrenia (DOS SANTOS, 2013).

Genis Ona et al (2015) em seu estudo, postula que antes da terapia seria imprescindível a formação de equipes multidisciplinares, que devem planejar intervenções conjuntas e coerentes. Este modelo, que já está presente em vários tratamentos e intervenções, é especialmente necessário neste caso, uma vez que a complexidade e variabilidade dos fenômenos que ocorrem na terapia psicodélica requerem diferentes concepções e abordagens disciplinares, que terão de ser integradas e adaptadas para cada paciente. A terapia psicodélica deve necessariamente começar sem a administração de substâncias. Deve haver um período prévio de pelo menos 2 ou 3 sessões, nas quais será estabelecida a relação terapêutica, garantindo que esta seja caracterizada por plena confiança mútua. O paciente também será preparado para a sessão farmacológica, informando-o sobre os efeitos do medicamento e as características da experiência, proporcionando-lhe estratégias de enfrentamento, estabelecendo objetivos terapêuticos, pactuando as condições em conjunto ou tirando dúvidas, entre outros (HARTOGSOHN, 2018).

Pesquisas mais recentes já atestam que o realce da significação dos psicodélicos é uma hipótese apoiada por diversos relatos de experiência, bem como pela pesquisa clí-

nica, mas ainda não recebeu a atenção que merece. Este caminho de investigação pode ser aberto através do emprego de várias ferramentas psicométricas para auxiliar na avaliação do grau em que os psicodélicos aumentam o seu significado e possíveis correlações com terapêuticas espirituais (GROF, 2005).

Ainda sobre o processo psicoterapêutico sob os efeitos de alguma substância, Ona *et al* (2018) indica que este pode ser muito intenso, causando agitação ou ansiedade, ou manifestando algum tipo de bloqueio. Nestes casos, o conhecimento perito por parte dos terapeutas de técnicas como as visualizações ou o controle de variáveis ambientais - como luz ou música - será de grande importância. Ressalta que as técnicas corporais desempenham um papel fundamental, uma vez que as substâncias também atuam no nível da consciência física, permitindo o surgimento de sensações e traumas psicológicos que podem ser trabalhados nesse nível. Nesse sentido, as possibilidades terapêuticas emergem por meio do trabalho que o terapeuta pode realizar com o seu próprio corpo na consciência corporal do paciente.

A relevância dos fatores extra-farmacológicos no consumo de qualquer psicodélico é conhecida com certeza. Podemos falar de uma equação onde a personalidade do paciente, do terapeuta, a relação entre eles e o set (o estado mental que uma pessoa traz para a experiência, como pensamentos, humor e expectativas) & setting (ambiente físico e social em que o usuário tem a experiência) entre tantos outros, acabam produzindo um resultado único para cada indivíduo e sessão.

3. CONCLUSÃO

As experiências descritas sob os efeitos dessas substâncias têm sido realizadas por algumas escolas psicoterapêuticas, como a Psicologia Profunda ou a Psicoterapia Transpessoal. Os estudos empíricos realizados para medir o potencial terapêutico dos psicodélicos apresentam resultados positivos e negativos. A comparação desses estudos é difícil devido à ausência de um arcabouço de pesquisa estabelecido, o que significa que o contexto, as variáveis consideradas, as doses administradas e o arcabouço terapêutico em que as intervenções são realizadas são diferentes.

Esse fenômeno deve ser estudado e descrito com maior profundidade, a fim de controlar essas variáveis em benefício do processo psicoterapêutico. Devem ser planejados ambientes específicos para sessões de psicoterapia assistida por drogas. Um espaço

deve ser fornecido confortável, aconchegante, com materiais diversos com os quais o cliente pode experimentar e extrair um significado terapêutico específico nas fases finais da sessão, como flores, frutas, botões, etc.

Devemos sempre lembrar que os psicodélicos podem exercer seu potencial terapêutico, em grande parte, graças à facilitação de certos estados de consciência, que foram sugeridos como tendo propriedades. Portanto, devemos enfatizar o fato de que o adjuvante farmacológico não oferece efeitos terapêuticos previsíveis e em que a subjetividade do indivíduo fica em segundo plano, como no caso de medicamentos e drogas comuns. Aqui teremos que dar atenção especial aos conteúdos psicológicos e experienciais, uma vez que foi proposto que eles são as principais causas dos benefícios terapêuticos (HARTOGSOHN, 2018).

REFERÊNCIAS

FANHOFMANN, Michael. **Ayahuaca e psilocibina**. Rio de Janeiro: Clube de Autores, 2019. 29 p.

REBOREDA, Maria Vidal-Rivas; FERNÁNDEZ, Maria. **Uso de enteógenos en psicoterapia**. 11º Congreso Virtual de Psiquiatria. Interpsiquis 2010. Disponível em: <https://psiquiatria.com/bibliopsiquis/uso-de-enteogenos-en-psicoterapia/>. Acesso em: mar. 2021.

OLIVEIRA, Ariana Leônidas de; CASTRO, Paulo Francisco de. **Psicologia: Novos olhares**. Taubaté-Sp: Edunitau, 2018. 490 p.

GARDNER John; CARTER Adrian; O'BRIEN Kerry; SEEAR Kate. Psychedelic-assisted therapies: The past, and the need to move forward responsibly. **Int J Drug Policy**. 2019 Aug; v.70, p. 94-98. doi: 10.1016/j.drugpo.2019.05.019. Epub 2019 May 25. PMID: 31136924.

WATTS, Rosalind; LUOMA, Jason (2020). The use of the psychological flexibility model to support psychedelic assisted therapy. **Journal of Contextual Behavioral Science**, v.15, p.92-102. doi: 10.1016/j.jcbs.2019.12.004.

RODRIGUES, Sandro (2016). **Modulações de sentidos na experiência psicodélica: saúde mental e gestão autônoma de psicotrópicos prescritos e proscritos**. Curitiba:CRV.

GROF, Stanislav. (1997). **Os psicodélicos na autoexploração e na psicoterapia**. Associação Psicodélica do Brasil.

GRINSPOON, Lester, BAKALAR, James (1997). **Psychedelic drugs reconsidered**. New York Lindesmith Center.

GARCIA-ROMEU, Albert, RICHARDS, William (2018). Current perspectives on psychedelic therapy: use of serotonergic hallucinogens in clinical interventions. **International review of psychiatry (Abingdon, England)**, v.30, n.4, p.291–316.
<https://doi.org/10.1080/09540261.2018.1486289>

SESSA, Ben (2018). Why MDMA therapy for alcohol use disorder? And why now? **Neuropharmacology**, v.142, p.83–88. Disponível em:
<https://doi.org/10.1016/j.neuropharm.2017.11.004>.

MORETON, Sam; SZALLA, Luke; MENZIES, Rachel; ARENA, Andrew (2020). Embedding existential psychology within psychedelic science: reduced death anxiety as a mediator of the therapeutic effects of psychedelics. **Psychopharmacology**, v.237, n.1, p.21–32.
<https://doi.org/10.1007/s00213-019-05391-0>.

JOHNSON, Matthew (2018). Psychiatry might need some psychedelic therapy. **International review of psychiatry (Abingdon, England)**, v.30, n.4, p.285–290.
<https://doi.org/10.1080/09540261.2018.1509544>.

DOS SANTOS, Rafael Guimarães (2013). Safety and side effects of ayahuasca in humans. An overview focusing on developmental toxicology. **Journal of Psychoactive Drugs**. v.45, p. 68–78.

ONA, Genis; RIOS, Francisco; AGUIRRE, Jose; BOUSO, Jose; TARTAKOWSKY, Ingrid; MÉNDEZ, Matias; CARVALHO, Maria; MAQUEDA, Ana (2015). Configuración de la Psicoterapia Asistida con Psicodélicos. **Journal of Transpersonal Research**. v.7. p.95-104.

TARTAKOWSKY, Ingrid (2014). **Psicoterapia asistida com LSD, psilocibina y MDMA**. Descripciones realizadas por los terapeutas en torno a los procesos clínicos. Tese de Mestrado. Universidade do Chile. Santiago, Chile.

HARTOGSOHN, Ido (2018). The Meaning-Enhancing Properties of Psychedelics and Their Mediator Role in Psychedelic Therapy, Spirituality, and Creativity. **Frontiers in neuroscience**, v.12, p. 129. <https://doi.org/10.3389/fnins.2018.00129>

GROF, Stanislav (2005). **Psicoterapia con LSD**. Barcelona: Ed La Liebre de marzo.